

EXPERIÊNCIA FORMADORA E A “PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA”: COMO COMPREENDO A MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA

FORMATIVE EXPERIENCE AND "AUTOBIOGRAPHICAL RESEARCH":
HOW I UNDERSTAND MY OWN STORY

EXPERIENCIA FORMATIVA E "INVESTIGACIÓN AUTOBIOGRÁFICA":
CÓMO ENTIENDO MI PROPIA HISTORIA

Tatiana Schiavon de Camargo*

INTRODUÇÃO

Este texto explora os caminhos reflexivos resultantes de uma experiência formadora durante uma pesquisa-formação, vivenciada no mestrado, com a construção de narrativas pautadas na abordagem (auto)biográfica. Nesse processo, a própria história de vida se entrelaça com a construção do conhecimento científico por meio da rememoração da trajetória pessoal. A reflexão sobre rupturas e marcas dessa jornada possibilita um novo significado das ações vividas, que se fundamenta no ato de narrar-se.

Embrenhar-se nesse campo de pesquisa apresenta-se como um desafio, pois o pesquisador precisa reconhecer-se como parte do processo, em que suas experiências e práticas narradas se refletem na construção do seu conhecimento e do outro. Ao analisar esse movimento, é possível confrontar as marcas deixadas na constituição de si mesmo com teorias e fundamentos que sustentam a prática profissional, revelando um rigor investigativo que integra a vida e a produção teórica científica.

O objetivo deste texto, portanto, é apresentar parte do percurso investigativo desse processo de formação do pesquisador-formador, considerando sua atuação como pessoa, profissional e pesquisador. O estudo se dá com as narrativas autobiográficas e compara dados científicos já publicados com as histórias de vida do pesquisador e de seu grupo de formadores, que consequentemente refletem em sua trajetória como formador de professores, resultando em um projeto formativo diferenciado.

Para facilitar a compreensão dos diversos processos vividos, o texto está organizado em seções que discutem as bases teóricas chamada de “Mapas do Percurso”, os métodos empregados “Caminhos Teóricos Trilhados”, os

*Doutora em Educação, Pedagoga e Letrista, com sólida experiência em alfabetização e formação docente. É membro do NEPEN (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas Educativas, Formação e Trabalho Docente) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar Sorocaba, Brasil). Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tatuí (1999). E-mail: taticschiaivon@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4188-5653>.

resultados obtidos a partir da experiência em “Encontros Vivenciados nesse Caminho”, e as considerações finais sobre todo o percurso formativo.

MAPAS DO PERCURSO

Refletir sobre uma pesquisa-formação é essencial, pois a vida do pesquisador se entrelaça com o processo de investigação. De acordo com Passeggi (2016), a pesquisa-formação possibilita valorizar, por meio da reflexão científica, as práticas e experiências vividas. Esse processo se apoia em metodologias de narrativas (auto)biográfica, cujo objetivo é alcançar uma compreensão teórica por meio da prática, promovendo a emancipação e permitindo que o pesquisador compreenda sua própria trajetória na construção do conhecimento.

Destacam-se aqui os conceitos centrais de uma pesquisa qualitativa, baseada na abordagem (auto)biográfica. Essa abordagem valoriza os caminhos epistemológicos e os princípios que tramam as histórias de vida, onde o tempo e o espaço são permeados pelas marcas deixadas por meio das experiências vividas e narradas. Segundo Bolívar (2012), esse movimento coloca o sujeito não apenas como objeto de pesquisa, mas em diálogo constante com o processo investigativo.

Em vez de explicar casualmente as práticas sociais, como se os atores fossem marionetes dependentes da estrutura social e escolar (DE MIGUEL, 1996), entende-se que o ator desempenha um papel central em suas ações. A tarefa do pesquisador consiste em solicitar que os atores contem histórias sobre seus feitos e, a partir de sua análise conjunta, interpretar e construir novos relatos, nos quais é possível inscrever mudanças e melhorias (Bolívar, 2012, p. 39).

Dessa forma, o uso de narrativas insere a pessoa no contexto histórico, no espaço e no tempo, destacando o percurso vivido em uma cronologia que não se interrompe, mas que revela os momentos e espaços em que o narrador foi afetado e marcado pela experiência. A subjetividade do narrador é valorizada, não se tratando apenas de uma coleta de dados, mas de um movimento crítico e reflexivo, onde se compreende toda a trajetória em sua relação consigo e com o outro. Isso permite um momento de entendimento sobre o que foi vivido e ficou gravado na memória.

O fato biográfico é inscrito em nós, nas nossas percepções do vivido, ainda não totalmente compreendido ou significado, e que muitas vezes ainda não foi narrado ou articulado de forma sequencial. Ele se refere aos silêncios do vivido que compõem nossas memórias, àquela imagem do "eu" que foi experienciada, mas que ainda não foi plenamente compreendida entre a singularidade pessoal e a socialização, entre o "eu" e o que me aconteceu (Röwer; Cunha; Passeggi, 2015, p. 28).

Viver uma experiência, após toda essa contextualização conceitual, difere de apenas rememorar. O ato de narrar ao outro possibilita encontrar formas de

refletir sobre o que foi vivenciado ao longo da trajetória pessoal, permitindo agir sobre essa história de vida. Como afirma Brunner (1997), essa prática possibilita ao sujeito abrir-se a uma concepção humana que não se fecha em si, mas se reflete por meio de um processo dialógico.

CAMINHOS TEÓRICOS TRILHADOS

Apoiada no princípio hermenêutico de que o saber emerge da experiência refletida criticamente, esta pesquisa segue uma dinâmica reflexiva que busca a compreensão de si mesmo, considerando os contextos vividos e o movimento de construção dos saberes. A narrativa da trajetória de vida ganha destaque ao trazer uma perspectiva histórica, ganha profundidade. Situada no presente, ela reflete o passado e possibilita projetar o futuro, transcendendo a limitação de um único ponto temporal para oferecer um entrelaçamento de tempos que possibilita novas escolhas. Assim, são levados em conta o tempo e o espaço, em consonância com as relações que permitiram a construção do "narrar-se", conceito destacado com base na discussão de autores como Passeggi (2016), Nóvoa (2010), Bragança (2011), Arfuch (2010) e Alheit & Dausien (2006).

É pertinente, portanto, uma breve apresentação de como a narrativa permeia a vida e a formação do pesquisador que se abre a este movimento. Essa relação com a narrativa começou no ambiente familiar, em que as histórias ensinavam as condutas e descreviam as conquistas, mediadas pela simplicidade e carinho dos meus pais. A palavra, a história, a trajetória e as experiências marcaram profundamente minha essência, não como uma verdade absoluta ou uma identidade fixa, mas sim a fim de identificar os elementos persistentes, os valores subjacentes e as interpretações significativas à própria história. O encontro com o ato de narrar-se no campo científico, suas metodologias, reforçou a escolha da abordagem (auto)biográfica para o desenvolvimento desta pesquisa-formação qualitativa.

Diante disso, por que optar pela pesquisa-formação? Passeggi (2016) destaca que essa abordagem possibilita ao pesquisador, ao produzir conhecimento com base em suas práticas e experiências, adotar metodologias interativas que incorporam o método (auto)biográfico. Esse método busca uma compreensão teórica fundamentada na prática, promovendo a emancipação.

Ao reconhecer os saberes construídos na prática pedagógica, torna-se possível registrar o percurso de forma compreensiva, refletindo sobre o processo pensado para o desenvolvimento desta pesquisa confrontando-o com as experiências vividas enquanto formadora. Embora o uso da narrativa possa ser entendido como uma ferramenta de investigação ou um meio de fomentar processos investigativos, essa compreensão só adquire sentido quando se internaliza a própria história de vida. Esse conceito sustenta a prática investigativa e orienta as escolhas que definiram o percurso desta pesquisa.

As dimensões epistemológicas permitem compreender que a narrativa vai além de ser um simples instrumento, configurando-se como uma abordagem que oferece uma nova maneira de observar os fenômenos. Dessa maneira, não apenas o outro é investigado, mas também o "eu" do pesquisador, que faz parte do processo. A investigação ocorre na relação com o outro, e não sobre o outro, o que significa que ambos se constroem mutuamente, na e com a pesquisa.

Arfuch (2010) complementa essa ideia ao destacar que, no processo de pesquisa-formação, ocorre uma ressignificação e valorização da história pessoal. Ao recontar a trajetória, o pesquisador resgata, interpreta e compreende dados importantes, transformando as experiências vividas em conhecimento por meio da profundidade metodológica e epistemológica da abordagem autobiográfica.

O dispositivo formativo escolhido para este processo reflexivo foram os ateliês biográficos de projeto de Delory-Momberger (2006), que são compostos por etapas com diferentes estratégias que estimulam o ato narrativo, tanto autobiográfico quanto biográfico, culminando na elaboração de um projeto de vida. Na primeira etapa, os participantes conhecem o dispositivo e suas fases, sugerindo ideias e definindo quem conduzirá os encontros. A equipe de formadores incluiu três professores da rede pública municipal de ensino de uma cidade do interior de São Paulo, entre os quais se encontra a pesquisadora, que atua como pedagoga e formadora dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil.

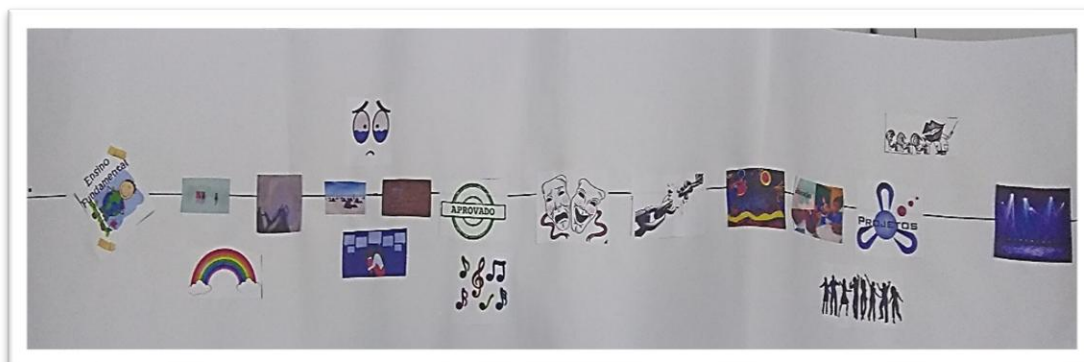
A segunda etapa consistiu na elaboração de narrativas autobiográficas escritas pelos três formadores, refletindo sobre como foram escolhidos para essa função, os desafios que enfrentaram, os caminhos trilhados e o impacto dessa trajetória em suas vidas. Essas reflexões geraram ricas discussões em grupo, permitindo que cada participante identificasse as marcas deixadas pela vivência escolar, tanto em seu papel como professor quanto como formador. O grupo também analisou o que motiva a escuta sensível dos professores e a construção de uma relação de confiança, algo que não se observava nas formações oferecidas por empresas terceirizadas.

Na terceira etapa, cada formador construiu uma linha do tempo de sua trajetória, revelando compreensões mais profundas sobre o processo formativo. Essa atividade mostrou que, como pesquisadores, todos nós refletimos sobre a problemática da pesquisa, nos constituímos como intérpretes de nossas experiências e descobrimos formas de pensar e agir a partir da pesquisa. A etapa, também, incluiu a escolha de pseudônimos para cada participante, uma forma de preservar nossa identidade. Individualmente, analisamos nossas produções e selecionamos o nome que melhor nos identificava, foram eles "Elmister", "Starlite" e "Lírio".

As imagens que acompanham este trabalho revelam como cada formador apresentou sua linha do tempo de maneira única e não linear, uma vez que a

memória evoca o que mais os afetou, independentemente da ordem cronológica dos eventos. As linhas do tempo mostram ramificações que conectam diferentes momentos da vida, entrelaçando experiências e revelando as complexidades do processo formativo.

Figura 1 - Linha do tempo formador Lírio



Fonte: Camargo (2020, p.73)

A linha do tempo apresentada em imagens escolhidas para narrar a trajetória de vida como processo de formação, trouxe símbolos e elementos que remetem a momentos de aprendizado e desafios pessoais.

Há um arco-íris, rostos tristes, símbolos de aprovação, teatro e música, indicando que essa experiência contribuiu no entendimento de diferentes emoções. Os rostos com lágrimas foram oralmente narrados como obstáculos enfrentados durante a jornada. Ao lado disso, a imagem de aprovação apresenta o movimento de busca, uma superação de desafios. Os elementos relacionados à arte, como máscaras teatrais e notas musicais, reforça que os afetos que potencializaram a compreensão do caminho formativo incluiu não só os acadêmicos, mas também experiências de expressão pessoal e emocional.

A linha do tempo é contínua, mas as imagens não seguem uma linearidade rígida. O resgate da memória e as escolhas do que narrar foi se organizando de acordo com as marcas do percurso, o impacto emocional ou pessoal, ao invés de sua ordem cronológica exata, reflete uma narrativa de vida, onde os sentimentos e experiências significativas moldam o percurso formativo.

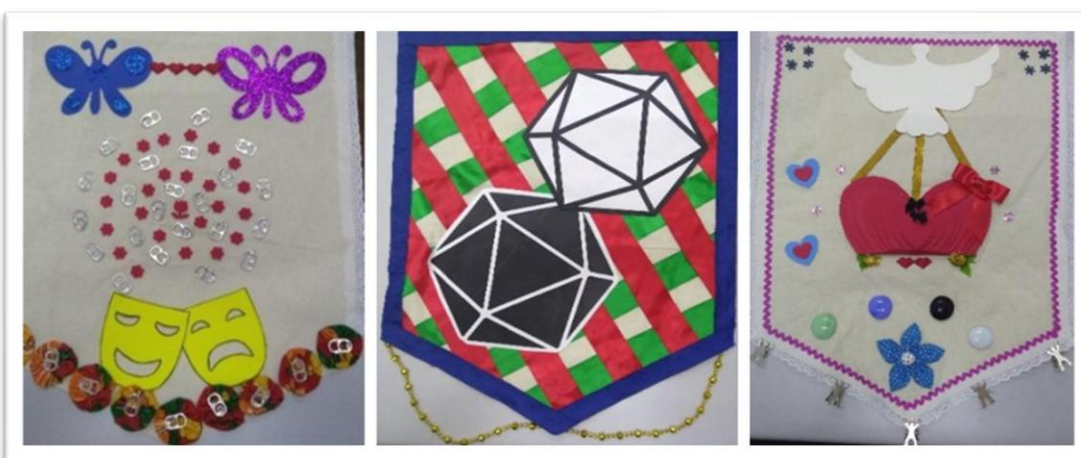
A imagem mostra uma linha do tempo desenhada à mão dividida em vários estágios do desenvolvimento humano, descreve vários marcos ou experiências associadas a cada estágio do desenvolvimento.

Essa estrutura ramificada sugere uma exploração de fatores que afetam a constituição de si, explicando como diferentes experiências nos moldam à medida que eles progridem da infância até a idade adulta.

Na terceira etapa, sob a orientação do formador Lírio, foi criado um padrão para narrar, de forma autobiográfica, a trajetória de vida de cada formador. A partir das marcas, afetos e símbolos que são específicos de forma significativa na vida de cada um, esse processo revela uma narrativa que direciona todos os envolvidos para um caminho de emancipação e humanização, promovendo uma escuta atenta de um para o outro.

Há, também, um movimento de mobilização reflexiva, centrado nas marcas e nos sentidos construídos ao longo da prática profissional de cada formador. Tornar-se consciente de que nossa prática é construída por nós mesmos implica integrar nossas vivências e o que nos constitui enquanto autores do processo. São dados que, muitas vezes, passam despercebidos no momento em que os vivemos, mas que emergem à memória quando refletimos sobre o que nos constitui.

Figura 4 - Estandarte Lírio/ Elmister e Starlite



Fonte: Camargo (2020, p.74)

É possível refletir sobre como os elementos representados nele podem dialogar com a construção de uma identidade pessoal ou coletiva. No primeiro, as máscaras narram as múltiplas facetas que cada pessoa assume ao longo da vida. A identidade de uma pessoa não é única ou estática, mas tecida por diferentes afetos. Observando as borboletas entende-se a evolução pessoal, por meio das experiências. Cada um de nós passa por fases de transformação, assim como a borboleta, desde a lagarta até o voo livre. No

estandarte, as borboletas parecem estar conectadas por corações, sugerindo que o vínculo entre essas fases é o afeto do amor — seja o amor-próprio, o amor dos outros, ou por algo que impulsiona a transformação, pois segundo Espinosa (1978), até mesmo na dor é possível amar. A teoria dos afetos em Espinosa, encontra-se em sua obra principal, a *Ética* (1677), mais especificamente às partes III e IV, a qual compreende as emoções como modificações simultâneas do corpo e da mente, originadas a partir de três afetos primários: alegria, tristeza e desejo. Derivados de ideias inadequadas, os afetos podem, contudo, ser transformados pela razão. Ao compreendê-los adequadamente, o indivíduo converte paixões passivas em ações conscientes, ampliando sua potência de agir (*potentia agendi*) e sua liberdade, em consonância com o *conatus* — o esforço inato de perseverar no ser. Assim, a ética espinosana propõe o governo racional dos afetos como caminho para uma vida mais alegre, potente e verdadeiramente livre.

O que se evidencia nos materiais reciclados, a habilidade de se reinventar e de transformar aquilo que parece comum ou sem valor em algo belo e significativo.

No segundo estandarte, vemos os dados que, junto da narrativa do formador, trouxe a incerteza da vida, a tomada de decisões aleatórias ou, por outro lado, a busca por um resultado específico, momentos de virada e escolhas cruciais.

O último, evoca a ideia de liberdade, espiritualidade e proteção, a beleza, a fragilidade da vida, o crescimento e a renovação. Há também, materiais pendurados, que inferem a ideia de vulnerabilidade, exposição e, ao mesmo tempo, de leveza, um momento de reflexão sobre a própria existência.

É possível inferir as bases sociais, culturais e as crenças, além de inúmeras outras nuances singulares, a partir dos símbolos utilizados. Nas etapas quatro e cinco dos ateliês biográficos de projeto, vivenciamos o ato de narrar a história do outro, permeados por todas as vivências anteriores. Nesse sentido, biografamos o outro a partir do que nos marca em sua história.

Esse novo modo de narrar se deu de forma diferente para o grupo. A riqueza de detalhes que passou a permear as narrativas proporcionou um olhar sobre si ao olhar para o outro, potencializando discussões reflexivas sobre o uso das diferentes linguagens e como cada modo de narrar pode trazer à tona memórias que, embora não fossem 'bem-vindas', faziam parte da história.

Nesse sentido, (re)significar-se, pensar sobre como aprendemos a aprender a partir das experiências vividas e identificar e compreender os momentos charneira, (ou "pontos de virada") na filosofia refere-se a períodos, obras ou ideias que marcam uma mudança radical no pensamento, redefinindo paradigmas, rompendo com tradições anteriores. sejam positivos ou negativos, sempre nos transformam. Nas palavras de Josso (1999):

Nesses momentos – charneira, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo próprio ou o que de si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-la ou repetir-se na mudança. (p.44)

O uso de diferentes gêneros narrativos potencializou a ação e a reflexão sobre si, oportunizando a construção de um sentido temporal que, para Abrahão (2006), articula-se na memória, confrontando o vivido no passado com a interpretação do presente, possibilitando projetar-se para o futuro através de uma atividade reflexiva transformadora de si.

Dando sequência as etapas do percurso, apresentamos um ao outro como compreendíamos e interpretávamos a história de vida de cada um dos formadores, dando novas formas de pensar e oportunizando a biografização através da compreensão e interpretação histórica, atuando na conscientização de si através do outro narrador.

Com base em Ricoeur (1997), essa prática oportunizou a capacidade de nos interpretarmos dentro de um modo narrativo, possibilitando a interpretação como algo antropológico e buscando o conhecimento em diferentes lugares, que Schaller (2008, p.69) destaca como "um lugar através da atualização das redes de autores que o atravessam, é aprendente porque permite deixar marcas do conjunto das relações, das ligações, das associações entre os atores".

Como última etapa, na sétima, elaboramos os projetos de vida de cada um, à luz da orientação de Delory Momberger (2006). Para essa narrativa, é preciso refletir sobre o que foi formador em nós, como nos constituímos como sujeitos e, mediante essa reflexão, como nos projetamos na vida.

Todo esse percurso traçado pela pesquisa constrói um rico corpus de análise, o qual possibilitou a realização da análise interpretativa - compreensiva proposta por Souza (2014), nela cada um dos envolvidos pode destacar convergências e divergências, encontrando os eixos que respondiam ao problema de pesquisa: como se dá a formação como formadores em si, no outro e no grupo que estão inseridos.

ENCONTROS VIVENCIADOS NESSE CAMINHO

Ao compreender a pesquisa-formação sob a perspectiva autobiográfica, percebe-se que não há uma dualidade entre sujeito e objeto, pois a ação se constitui na relação entre o pesquisador e o outro, em um determinado espaço e tempo. Essa interação entre espaço e tempo, que propicia a tomada de consciência e a construção de novos saberes, possibilita a elaboração de projetos de vida tanto para o pesquisador quanto para os participantes da pesquisa. Dessa forma, a pesquisa-formação se configura como um processo dinâmico que, por meio de diferentes dispositivos metodológicos, como os

ateliês biográficos e os grupos focais, promove a reflexão sobre as experiências vividas e a construção de novas identidades.

Compreende-se, portanto, que a formação do formador é um processo dinâmico que ocorre na interação com o meio, com o outro, com as teorias e com as experiências vividas e refletidas. Essa formação é potencializada por dispositivos que valorizam a subjetividade, a interpretação e a busca por conhecimento em diferentes contextos, como defende Ricoeur (1997).

Ao se engajar em atividades como os ateliês biográficos, os sujeitos são convidados a narrar suas histórias de vida, ressignificando suas experiências e construindo novas identidades. Nesse processo, emergem os chamados "marcos reflexivos", momentos em que o sujeito se dá conta de rupturas em sua trajetória e reavalia seus valores e crenças. Essas rupturas são oportunidades para o crescimento pessoal e profissional, pois permitem que o indivíduo se transforme e se projete para o futuro.

Conforme Nóvoa (2010, p. 16), "a identidade não é dado adquirido, não é um produto, não é uma propriedade – é um processo, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão". Ao reconhecer que o conhecimento não é estático e que estamos em constante transformação, abrimos espaço para a construção de novas possibilidades e para a projeção de futuros.

Nesse processo, o pesquisador se constitui como sujeito em constante transformação, reconhecendo que não há neutralidade na pesquisa. Ao pesquisar com o outro, o pesquisador também se narra e é narrado, vivenciando uma experiência de co-construção do conhecimento.

Por meio de dispositivos como os ateliês biográficos, os participantes são convidados a resgatar suas histórias de vida, identificando marcos significativos e rupturas que moldaram suas trajetórias. Ao confrontar essas memórias com o presente, os sujeitos podem desenvolver novas perspectivas sobre si mesmos e sobre o mundo, abrindo caminho para a construção de futuros mais autênticos e significativos.

Essa reflexão possibilita uma ação fundamental na continuidade da pesquisa: a de explorar a fundo a memória e as experiências, a fim de confrontá-las e enriquecer os processos reflexivos. Essa dialética entre o presente e o passado, como aponta Bragança (2011), é essencial para a construção de identidades e projetos de vida.

[...] o social é permeado de contradições e dualidades, também a identidade do sujeito não é harmoniosa, mas aponta para uma constante busca de equilíbrio entre os processos plurais, estando em permanente reconstrução. (p. 161).

Considerando as contradições e dualidades presentes nesse contexto, e reconhecendo a importância de identificar, como aponta Passeggi (2011), "a descontinuidade, as rupturas, a imprevisibilidade, o fortuito e o papel das

contingências" (p. 154), percebe-se a necessidade de construir diferentes suportes narrativos (escritos, orais, gráficos ou artísticos) para traçar um perfil mais completo do narrador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de estar em constante formação durante a pesquisa, aliada à tomada de consciência sobre si mesmo, permite um novo olhar para a própria história, conforme sugerem Alheit e Dausien (2006).

O movimento temporal inerente à abordagem (auto)biográfica propicia, durante os dispositivos de formação, espaços para a reflexão sobre as experiências vividas e suas implicações. Essas reflexões possibilitam identificar rupturas, confrontar esquemas pré-existentes e repensar as relações entre o sujeito e o contexto sociocultural.

Essas 'estruturas culturais e sociais' estão em constante transformação, o que exige uma mobilização contínua dos sujeitos envolvidos no processo. A detalhada descrição das experiências individuais e coletivas, evidenciando o que é singular e o que é compartilhado, contribui para a construção de um conhecimento mais rico e complexo.

A construção desse conhecimento passa pela análise de diferentes perspectivas e repertórios, buscando detalhar as experiências sem a pretensão de generalizar. O objetivo é promover a produção de novos significados e possibilidades de interpretação.

O pesquisador, enquanto sujeito em constante construção, narra a si mesmo, reconhecendo a natureza inacabada do conhecimento e a importância da intersubjetividade. As experiências vividas na pesquisa-formação são passíveis de transformação, à medida que novos olhares e contextos são incorporados.

REFERÊNCIAS

Alheit, P.; Dausien, B. Processo de formação e aprendizagens ao longa da vida. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.32, n.1, p. 177-197, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a11v32n1.pdf>

Arfuch, L. *O espaço biográfico – Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 09-81. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/arfuch-leonor-o-espac3a7o-biogrc3a1fico.pdf>

Bragança, I. F. S. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. *Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 154-164, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/%20faced/article/viewFile/8700/6352>

Bauer, M. W.; Gaskell, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Editora Vozes, RJ, 2000.

Bolívar, A. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: Passegi, M.C. y Abrahão, M.H. (org.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da investigação (auto)biográfica*. Tomo II. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 79-109, 2012.

Bruner, J. S. *Atos de Significação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997 [Publicado originalmente em 1990].

Camargo, T.S. *Composição de formação: narrativas (auto) biográficas como acordes do formador professor*. Dissertação (Mestrado em Educação). Sorocaba/SP: Universidade Federal de São Carlos, 2020.

Delory-Momberger, C. Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

Josso, M-C. Histórias de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, v. 25, n. 2, p11-23, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/FPRNJxFHvDf8jX5Yx55ThhH/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

Nóvoa, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: Nóvoa, A. & Finger, M. (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRRN, 2010.

Passegi, M. C. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre. v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Lucas/Downloads/8697-32659-1-PB.pdf>

Passegi, M. C. Narrativas da Experiência na Pesquisa formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6195624>.

Ricoeur, P. *Tempo e Narrativa – TOMO III*. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1997.

Schaller, J.-J. Lugares aprendentes e inteligência coletiva: rumo a constituição de um mundo comum. In: Passegi, Maria da Conceição. Souza, Elizeu Clementino de (Org). *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes*. Natal: EDUFRRN: São Paulo: Paulus, 2008.

Experiência formadora e a “Pesquisa Autobiográfica”: como compreendo a minha própria história

Formative experience and "Autobiographical Research": how I understand my own story

Experiencia formativa e "Investigación autobiográfica": cómo entiendo mi propia historia

Resumo	Abstract	Resumen
<p>Este texto apresenta reflexões originadas de uma experiência formadora durante a pesquisa-formação, utilizando narrativas no mestrado, com base na abordagem (auto)biográfica. O objetivo é discutir o desenvolvimento do pesquisador-formador, considerando o processo de sua atuação como pessoa, profissional e pesquisador, por meio do registro de ações vivenciadas, à luz da literatura especializada e confrontando-as com as histórias de vida do próprio pesquisador. A pesquisa apoia-se no princípio da hermenêutica, que postula que o saber é fruto da experiência refletida com criticidade. O processo envolve uma dinâmica de autocompreensão reflexiva, respeitando os contextos vividos e reconhecendo o movimento de construção dos saberes através das narrativas (auto)biográficas da trajetória de vida. A análise considera o tempo e o espaço, bem como as relações que oportunizaram essa construção narrativa, fundamentada em autores como Passeggi (2016), Nóvoa (2010), Bragança (2011), Arfuch (2010), Alheit e Dausien (2006) e Souza (2014).</p>	<p>This text presents reflections originating from a formative experience during the research-training, using narratives in the master's degree, based on the (auto)biographical approach. The objective is to discuss the development of the researcher-trainer, considering the process of his performance as a person, professional and researcher, through the recording of actions experienced, in the light of the specialized literature and confronting them with the life stories of the researcher himself. The research is based on the principle of hermeneutics, which postulates that knowledge is the result of experience reflected critically. The process involves a dynamic of reflective self-understanding, respecting the contexts experienced and recognizing the movement of knowledge construction through the (auto)biographical narratives of the life trajectory. The analysis considers time and space, as well as the relationships that made this narrative construction possible, based on authors such as Passeggi (2016), Nóvoa (2010), Bragança (2011), Arfuch (2010), Alheit and Dausien (2006) and Souza (2014).</p>	<p>Este texto presenta reflexiones a partir de una experiencia formativa durante la investigación-formación, utilizando narrativas en la maestría, a partir del enfoque (auto)biográfico. El objetivo es discutir el desarrollo del investigador-formador, considerando el proceso de su desempeño como persona, profesional e investigador, a través del registro de las acciones experimentadas, a la luz de la literatura especializada y confrontándolas con las historias de vida del propio investigador. La investigación se basa en el principio de la hermenéutica, que postula que el conocimiento es el resultado de la experiencia reflejada críticamente. El proceso implica una dinámica de autocompreensión reflexiva, respetando los contextos vividos y reconociendo el movimiento de construcción del conocimiento a través de las narrativas (auto)biográficas de la trayectoria de vida. El análisis considera el tiempo y el espacio, así como las relaciones que hicieron posible esta construcción narrativa, a partir de autores como Passeggi (2016), Nóvoa (2010), Bragança (2011), Arfuch (2010), Alheit y Dausien (2006) y Souza (2014).</p>
<p>Palavras-chave: Narrativas (auto)biográficas. Pesquisa-formação. Experiência formadora.</p>	<p>Keywords: (Auto)biographical narratives. Research-training. Formative experience.</p>	<p>Palabras clave: Narraciones (auto)biográficas. Investigación-formación. Experiencia formativa.</p>